

Mobilização subjetiva: do sofrimento ao viver criativo no trabalho

*Subjective mobilization: from
suffering to creative living at work*

**Bruno Marcello Ferreira do Nascimento, Hélder
Pordeus Muniz**

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar como a Psicodinâmica do Trabalho pode explicar o conceito de mobilização subjetiva. Para isso, buscamos articulações entre o pensamento do psicanalista inglês Donald Winnicott e a teoria da Psicodinâmica do Trabalho, criada por Christophe Dejours. Investigamos que subjetividade é esta que é mobilizada para que o sujeito trabalhe e como se dá esse processo. O trabalhador sofre no momento em que lida com o insucesso advindo da impossibilidade de seguir fielmente as prescrições. O sofrimento, então, se transforma em exigência de superação e a subjetividade é mobilizada para que o sujeito consiga produzir prazer e encontrar sentido no trabalho. Foram descobertos pontos de contato entre esses autores no tocante ao brincar e ao viver criativo, já que, para Winnicott, o brincar se apresenta como um precursor do trabalho na vida adulta e é uma forma de construir o self.

Palavras-chave

Trabalho e subjetividade, Mobilização subjetiva, Psicodinâmica do Trabalho.

Abstract

This article aims to investigate how Psychodynamics of Work can explain the concept of subjective mobilization. To this end, we sought to articulate the thinking of the English psychoanalyst Donald Winnicott and the theory of Psychodynamics of Work, created by Christophe Dejours. We investigated what subjectivity this is which is mobilized for the subject to work and how this process occurs. The worker suffers at the moment he deals with failure resulting from the impossibility of faithfully following the prescriptions. Then, suffering becomes a demand for overcoming and subjectivity is mobilized so that the subject can produce pleasure and find meaning at work. Points of contact between these authors have been discovered, regarding playing and creative living, since, for Winnicott, playing presents itself as a precursor of work in adult life and it is a way of constructing the self.

Keywords

Work and subjectivity, Subjective mobilization, Psychodynamics of Work.

Bruno Marcello Ferreira do Nascimento

Universidade Federal
Fluminense

Psicólogo e Mestre em
Psicologia pela Universidade
Federal Fluminense (UFF).
Atuou como professor substituto
no departamento de Psicologia
da Universidade Federal
Fluminense (UFF/VR), na área
de Psicologia do Trabalho e
Organizacional.

bruno.nascim@yahoo.com.br

Hélder Pordeus Muniz

Universidade Federal
Fluminense

Professor associado do
Departamento de Psicologia da
Universidade Federal
Fluminense (UFF). Pós-doutor
em Psicologia Social do
Trabalho e das Organizações
pela Universidade do Estado do
Rio de Janeiro (UERJ). Pós-
doutor em Educação pela
Universidade Federal do
Espírito Santo (UFES).

heldermuniz@uol.com.br

Introdução

O trabalho na contemporaneidade, marcado pela flexibilização exigida do trabalhador, pode tanto oferecer condições de crescimento pessoal e profissional como se constituir como um meio de opressão, exploração ou exclusão (SENNET, 2006). A partir de exigências organizacionais, percebe-se um fortalecimento do discurso de que o sujeito deve estar sempre motivado em seu trabalho – motivação esta concebida como algo inerente ao sujeito, o qual seria o único responsável pela mesma.

Nesse contexto, temas como sofrimento, assédio moral, estresse ocupacional, impactos na qualidade e produtividade, doenças psicossomáticas e, em casos extremos, o próprio suicídio no ambiente de trabalho são cada vez mais recorrentes em pesquisas acadêmicas. A partir das questões levantadas, tem-se formado um amplo campo de estudo, em que diversas pesquisas visam à compreensão da relação entre trabalhador, saúde e subjetividade, tais como os trabalhos de Souza e Athayde (2011), Flach et al. (2009), Mendes (1999) e Barros e Mendes (2003).

Essas pesquisas têm demonstrado que o sofrimento, decorrente da precarização das condições de trabalho, assim como sua sobrecarga, são enfrentados por trabalhadores que se implicam subjetivamente com o seu trabalho e conseguem, apesar de tudo, dar conta de seus objetivos e metas, fazendo as regulações necessárias para lidar com esses obstáculos. A relação entre trabalho, saúde e subjetividade no âmbito da organização de trabalho se apresenta, então, como um problema social relevante.

Dentro do conjunto de pesquisas realizadas em Psicologia do Trabalho e Organizacional, esta pesquisa se afilia àquelas que consideram o trabalho como atividade e como um lugar de sofrimento e prazer ao mesmo tempo, elemento este propiciado pela mobilização subjetiva – conceito criado e desenvolvido pela Psicodinâmica do Trabalho. Vale ressaltar que tal conceito já foi investigado também em algumas pesquisas empíricas nos últimos anos (TRAESEL, 2007; FERREIRA, 2011; MEDEIROS, 2012; FERREIRA et al., 2013; ALVES, 2014).

O sofrimento diz respeito ao encontro do trabalhador com o real do trabalho, o que lhe remete a uma condição de insucesso, de desamparo, tendo em vista a distância, sempre inatingível, entre o que é prescrito e o que é efetivamente realizado. O real, portanto, pode ser definido como “aquilo que no mundo se faz conhecer por sua resistência ao domínio técnico e ao conhecimento científico. Em outros termos, o real é aquilo sobre o qual a técnica fracassa” (DEJOURS, 1997, p. 40). O autor complementa essa ideia e afirma: “O que caracteriza o real é o que não sei como enfrentar quando experimento o desejo ou sinto-me na obrigação de prosseguir a tarefa que me propus a executar” (DEJOURS, 2012a, p. 178). Quando todo o saber se choca contra a resistência do mundo, o sujeito está no real.

O real se deixa conhecer pelo sujeito sob a forma de revés, como experiência desagradável e dolorosa, isto é, de um modo afetivo, através de obstáculos que surgem no percurso de seu processo de trabalho – que é sentido pelo sujeito como um sofrimento. E este sofrimento se transforma em exigência de superação para o trabalhador. A partir dele, mobiliza-se a subjetividade para que se consiga produzir prazer e encontrar sentido no trabalho, através de um corpo que realiza, ao mesmo tempo, a experiência do mundo e de si mesmo.

A mobilização subjetiva, segundo Dejours (1999), é definida como um processo caracterizado pelo uso dos recursos psicológicos do trabalhador e pelo espaço público de discussões sobre o trabalho, em que há deliberações. A utilização desses recursos é intimamente ligada à dinâmica contribuição-

retribuição simbólica que pressupõe o reconhecimento do trabalhador pelos seus pares e pela hierarquia.

Para o autor, o processo de mobilização subjetiva não é prescrito, pois é vivenciado de forma particular por cada sujeito e permite a transformação do sofrimento através de uma operação simbólica: o resgate do sentido do trabalho. Este sentido depende de outro – do coletivo de trabalho, o qual é construído com base em regras que não são somente técnicas.

No encontro com a atividade, os trabalhadores fazem uso de estratégias defensivas e mobilizam sua inteligência corporal para dar conta de sua tarefa. Busca-se prazer e sentido no trabalho e produz-se saúde, a partir da transformação do sofrimento patogênico em sofrimento criativo.

Este artigo tem como finalidade abordar a problemática da mobilização subjetiva como uma estratégia do trabalhador que permite dar conta do sofrimento no trabalho, levando-se em consideração o papel do brincar¹ nesse contexto. Surge, então, uma questão: Como a Psicodinâmica do Trabalho explica a mobilização subjetiva?

A exigência básica da organização prescrita do trabalho é o atingimento dos resultados por parte do trabalhador e, para realizar isso, o mesmo faz uso de estratégias que fogem à prescrição e tem que criar saberes para ser eficaz, permanecer mobilizado e, ainda assim, manter sua saúde. Como, nesse ambiente, fazer frente às exigências organizacionais de atingimento de resultados sem cair em um processo de adoecimento e poder vivenciar prazer?

Entre o trabalho e a subjetividade

O ponto de partida da Psicodinâmica do Trabalho é conceber o trabalho como aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar (DEJOURS, 2004). Isto se refere aos gestos, ao saber-fazer, à mobilização do corpo e da inteligência, à capacidade de reagir às situações, a criar etc. Por mais que o trabalho seja bem concebido, é impossível que a qualidade seja atingida se não forem levadas em consideração as variabilidades que possam surgir nas situações de trabalho. Dejours afirma que o próprio trabalho intelectual não se reduz à esfera da cognição. Trabalhar passa, inicialmente, pela experiência do sofrimento. O sofrimento não existe se não houver um corpo para experimentá-lo. Só se pode experimentar a subjetividade em uma singularidade encarnada.

A Psicodinâmica do Trabalho traz à tona a ideia de que a relação entre a organização do trabalho e o trabalhador não é estática, nem apenas uma imposição; é uma relação que está em perpétuo movimento e encontra o trabalhador ativo em um campo de negociações. O trabalhador tem um encontro com o real, opera uma resistência para, em seguida, se mobilizar subjetivamente.

Tendo como um de seus suportes a Psicanálise, para a Psicodinâmica do Trabalho, pode-se vivenciar prazer ou sofrimento patogênico dependendo de como se dará a dinâmica intersubjetiva nas situações de trabalho. A possibilidade de adoecimento é vivenciada pelos trabalhadores no momento em que eles não têm a possibilidade de ver sentido em seu trabalho ou de mobilizar sua subjetividade, tanto em função da restrição de seus próprios recursos psíquicos, quanto pelas imposições da organização de trabalho.

É importante ressaltar que essa disciplina não significa uma Psicanálise aplicada às situações de trabalho, pois tem como objeto o coletivo de trabalho e suas estratégias de defesa. Da mesma forma, não é somente um meio de intervenção sobre o campo analisado, sendo principalmente uma disciplina que produz conhecimento. Trata-se de uma teoria

1

Utilizamos o termo “brincar” como tradução oficial para “playing”, proveniente da obra “Playing and Reality”, de Winnicott, da mesma forma traduzido pelos tradutores da primeira edição de “O Brincar e a Realidade” (WINNICOTT, 1975).

que faz uso da Psicanálise como uma de suas referências para analisar a relação dinâmica entre a organização do trabalho e o sujeito.

Dejours (1997) aponta para a importância do coletivo na construção da identidade em situação de trabalho, da dinâmica do reconhecimento. O que acontece no macro da sociedade é traduzido no campo do trabalho (onde estão inscritas relações sociais, em que se operam linguagem, práticas, regras e códigos específicos, uma dada forma de organização do trabalho) pela importância do julgamento do outro sobre a capacidade do fazer, considerando-se aí o caráter coletivo deste fazer. O prazer pode ser vivenciado quando o trabalho favorece a valorização e o reconhecimento, especialmente quando uma tarefa é realizada significativamente.

Para Souza (2004), as questões relativas à coletividade envolvem a mobilização psicológica, o investimento de si pelos trabalhadores, passando pelo respeito às regras de trabalho e pelo julgamento equitativo sobre o trabalho realizado – o que equivale ao reconhecimento da contribuição singular do trabalhador para um trabalho que é sempre coletivo. Essas regras são definidas em um plano não apenas da ordem técnica de operação, mas também envolvem regras sociais, respeito à saúde e convivência social – são resultado de trocas sociais, tanto formais quanto informais, as quais têm uma história.

Para lidar com os acontecimentos que escapam à prescrição, o trabalhador faz uso de uma forma de inteligência originada de sua experiência real e de sua concepção sobre a atividade. Esse processo de mobilização subjetiva se caracteriza pelo uso da inteligência astuciosa e está intimamente relacionado com a existência ou não de um espaço público de discussões sobre o trabalho, ou espaço de deliberação.

No exercício da atividade de trabalho, a prescrição, somente, não dá conta das questões que se apresentam. É necessário usar a “engenhosidade”, a astúcia, criar, interpretar, improvisar ou, por vezes, transgredir. Para isso, é preciso fazer uso de uma inteligência astuciosa, produzida no próprio exercício do trabalho.

A partir de Dejours e Abdoucheli (1994a), essa forma específica de inteligência, que tem raiz no corpo e que está relacionada aos processos psíquicos mobilizados pelos sujeitos na criatividade, raramente é levada em conta nas análises científicas. Um dos motivos seria, para os autores, o fato de tratar-se de uma inteligência que está em constante ruptura com normas e regras, sendo fundamentalmente de caráter transgressor, impossível de ser apreendida nos moldes de uma cientificidade que se baseie em uma abordagem tradicional de pesquisa.

Dejours e Abdoucheli (1994b) apontam, nesse processo, uma separação entre motivação e desejo. Enquanto a motivação está no campo da Psicologia e remete a teorias behavioristas, à noção de “predisposição” ou, inclusive, a uma concepção que leva em conta sua origem a partir de uma excitação fisiológica, com estímulos endócrino-metabólicos, o desejo é proveniente da Psicanálise, pode ser considerado o cerne da motivação e está ligado diretamente ao inconsciente e ao subjetivo.

Outro suporte teórico ao qual este artigo recorreu foi o da Psicanálise de Donald Winnicott. Pesquisou-se como o brincar pode contribuir para a mobilização da subjetividade do trabalhador. Winnicott (1975) investiga em seu livro “O Brincar e a Realidade” que o lugar de origem do fenômeno transicional é o espaço potencial entre o bebê e a mãe. A partir das experiências vividas entre ambos, de como ocorreu essa relação, é que os fenômenos transicionais, bem como os prováveis objetos transicionais, ocuparão esse espaço. O brinquedo, sob a forma de objeto transicional, é a via de passagem do estado de fusão com a mãe ao estado de relação com o outro.

Com os estudos sobre os fenômenos transicionais, o significado do brincar adquiriu uma nova amplitude na teoria winnicottiana, pois remonta desde o emprego primitivo de um objeto ou técnica transicional até os estágios mais elevados da capacidade do ser humano em relação a uma experiência cultural e à criatividade.

Segundo Winnicott (1975), o brincar tem um espaço e um tempo. Não é dentro, nem fora, não constituindo parte do “não eu”. Para controlar o que é externo, há que fazer coisas, não somente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. É nesse contexto que o autor considera que brincar é fazer.

Quanto à metodologia adotada no presente trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, dividida a partir de dois objetivos que ocorreram simultaneamente. O primeiro foi estudar artigos, livros e trabalhos acadêmicos norteados pela Psicodinâmica do Trabalho e pela Psicanálise winnicottiana – neste caso, sobre a teoria do brincar, de modo a apresentar e discutir os principais conceitos relacionados ao objeto do trabalho; enquanto o segundo foi realizar uma revisão bibliográfica de outros autores, nacionais e internacionais, que se referenciam na abordagem da Psicodinâmica do Trabalho. Para dar conta desse estudo, buscaram-se artigos da Capes, Scielo e demais periódicos.

O brincar winnicottiano como um recurso para a mobilização subjetiva

Como introdução à articulação entre o conceito de mobilização subjetiva, proveniente da Psicodinâmica do Trabalho, e o conceito de brincar, advindo da teoria psicanalítica de Winnicott, retomamos a obra de Sigmund Freud. No texto “Escritores criativos e devaneios” (1980[1908]), o psicanalista austríaco aponta que o trabalho está para o adulto assim como o brinquedo está para a criança. Freud compara o brincar ao trabalho criativo dos escritores, aos sonhos e às fantasias, articulado a um desejo oculto como as demais formações do inconsciente. As crianças inventam a realidade brincando e o ato de brincar institui um espaço gerador de desejo.

Pascale Molinier (2013) entende o brincar na infância como um precursor do trabalho, a começar pelo trabalho escolar, o qual ocupa, na vida da criança, o lugar central que o trabalho ocupará na vida adulta.

De acordo com a autora, o trabalho de tradução da mensagem enigmática, conceito de Jean Laplanche, está na origem da epistemofilia. E a primeira forma que reveste tal tradução é o brincar. Molinier (2013) apoia a concepção winnicottiana de que o brincar é a mediação privilegiada da simbolização infantil, que antecede a linguagem. O psicanalista inglês diferencia o jogo regido estritamente por regras – game –, e o jogo livre ou o brincar – play.

O brincar representa uma expressão espontânea na criança que goza de boa saúde. Para Molinier (2013), a criança não precisa de brinquedos para que possa brincar, ela brinca com qualquer coisa: com seu corpo, com o corpo dos outros, com tudo o que está ao seu alcance e com jogos sexuais, no sentido da sexualidade perversa polimorfa. Posteriormente, o brincar se liberta parcialmente da sexualidade e se dessexualiza. O brincar é, ao mesmo tempo, a primeira forma de simbolização e a primeira possibilidade de transformar uma situação de impotência em situação em que a criança está em uma posição ativa.

Para a autora, o brincar é sempre uma experiência excitante, cujo resultado é tributário da capacidade da criança em não se deixar levar pela excitação. Toda atividade, puramente lógico-dedutiva, imaginativa ou corporal, é apoderada pela criança caso permita a tradução dos enigmas infantis. No entanto, a capacidade de brincar também implica o meio, indo além da criança. A capacidade de o adulto brincar com a criança com

roteiros que esta desenvolve, sua capacidade de seguir o roteiro proposto por ela ou mesmo a incapacidade de responder às solicitações lúdicas desta são elementos decisivos no desenvolvimento ou na inibição de suas capacidades criativas – desenvolvimento aqui entendido como a capacidade do adulto de criar um meio no qual a criança possa sentir-se segura, mesmo e, sobretudo, se o adulto sair do seu campo de percepção.

Trata-se do espaço potencial, em que há um adulto confiável investido da confiança da criança. As crianças marcadas pela perda e privadas da proteção deste outro são incapazes de jogar (MOLINIER, 2013).

Assim como o brincar, o trabalho é a oportunidade de recolocar em pauta as falhas da história infantil, os enigmas não resolvidos e de reencontrar reformulações para estes, sempre parciais, mas que podem ser melhores do que as soluções em curso. Segundo a autora, o trabalho é simultaneamente mais e outra coisa, para o adulto, algo que vai além do brincar.

Molinier defende que, se o trabalho interessante conserva as qualidades do brincar, este não antecede o trabalho.

A parte do jogo [brincar] intervém quando o sujeito logra suplantar a dificuldade, vencer a resistência posta pelo real para finalmente surpreender-se a si próprio, ali mesmo onde a rotina seria invariavelmente enfadonha. Divertir-se no trabalho ocorre, paradoxalmente, apenas quando vencido um esforço, uma mobilização decorrente de uma prova de resistência (MOLINIER, 2013, p. 173).

Seguindo uma abordagem também winnicottiana, Grolnick (1993) afirma que o homem precisa brincar. Cita a importância do mundo “ilusório”, o jogo das brincadeiras sentimentais e a ilusão da infinitude do ser. Se tudo isso não fosse enfrentado com certo tom de brincadeira ilusória, seria muito difícil lidar com as angústias existenciais. Esse interjogo do brincar na infância auxilia a definir e redefinir os limites entre o eu e os outros e contribui para a obtenção de um senso de identidade pessoal e corporal. Com o passar dos anos, as brincadeiras e os jogos dão lugar aos passatempos que, por sua vez, dão lugar a outra finalidade – ao trabalho. Esse vínculo idêntico ao brincar é experimentado pelo adulto na prática do trabalho (RODULFO, 1990; MOLINIER, 2013).

O desejo pelo saber intelectual, a curiosidade infantil e a epistemofilia são transformados em prática significativa do trabalho.

[...] as formações de desejo, longamente desdobradas e desenvolvidas no campo do brincar infantil e adolescente, passam, cedem grande parte de sua força e de seu poder intrínseco para o trabalhar, como atividade central da existência adulta, outorgando-lhe assim uma base pulsional decisiva. Sem esta base, o trabalho ou não pode se constituir, ou se pseudoconstitui como uma fachada talvez socialmente muito produtiva, mas subjetivamente vazia de significação (RODULFO, 1990, p. 158).

Desde muito cedo, a criança, através de sua imaginação, já ensaia um fazer no trabalho, no momento em que interpreta papéis profissionais, assumindo uma postura ativa. Posteriormente, sofrerá influências de sua história, suas experiências e seus desejos primários, na condição de que

tenha construído um eu integral, um verdadeiro self, a partir de um desenvolvimento emocional saudável. Isso, então, permitirá que, na fase adulta, o sujeito possa realizar a ressonância simbólica e reinterpretar o teatro infantil no teatro do trabalho.

A confiança oferecida por um ambiente suficientemente bom, inicialmente representado pela mãe, advinda da ilusão de onipotência e posterior desilusão, potencializará a autonomia do sujeito, assim como a segurança e uma não submissão. Dessa forma, o adulto, no mundo do trabalho, terá condições de reatualizar questões existenciais que vivera na infância e ir de encontro ao seu desejo, buscando prazer, sentido e emancipação pela via do trabalho. Vale lembrar que, sobre isso, Dejours (2012b) defende que a emancipação tem a capacidade de substituir o constrangimento advindo da dominação pela exigência de mensurar-se com os poderes de seu corpo e de sua inteligência confrontados à resistência do real.

A capacidade de brincar que lhe fora permitida durante sua fase infantil, no espaço potencial, através de objetos e fenômenos transicionais, possibilitou que o sujeito, neste mesmo espaço, fosse imerso na experiência cultural e se relacionasse com o mundo externo. Quando possui um desenvolvimento saudável, portanto, o sujeito é capaz de trazer para o presente o brincar, seus desejos e a espontaneidade de outrora. O fazer originado no brincar infantil ressoa na fase adulta na forma de ação no trabalho, através da mobilização subjetiva, que lhe permite uma postura ativa e singular, assim como leva em conta a importância do coletivo, do outro enquanto também construtor da própria subjetividade.

Como já apresentado, ao falar em subjetividade, de acordo com a Psicodinâmica do Trabalho, remetemos à noção de sofrimento, uma vez que, quando o sujeito trabalha, vai de encontro ao real do trabalho e precisa dar conta de um revés ou insucesso que advém do mesmo e confronta seu corpo a uma inabilidade e a certa impotência. A partir de tal encontro, o sujeito tem a capacidade de resistir e buscar uma superação. O conceito winnicottiano de self pode ser um canal para que seja investigada mais profundamente esta subjetividade que é mobilizada pelo trabalhador, já que representa o eu e a integração da totalidade de si mesmo.

Para que o sujeito possa, na fase adulta, fazer uso do resultado de seu amadurecimento psíquico, a fim de mobilizar sua inteligência e sua personalidade no trabalho, é necessário que, durante as fases iniciais de seu desenvolvimento, tenha recebido condições satisfatórias para tal, provenientes de um ambiente suficientemente bom. Este ambiente, cujo espaço é inicialmente ocupado pelo cuidado e depois se expande para o social, deve possibilitar o desenvolvimento das potencialidades de um self rudimentar já existente desde quando o sujeito nasceu, embora, de início, seja fragilizado.

Assim como a criatividade e a inteligência astuciosa só advêm de um estado de “caos” proveniente do encontro com o real, a busca pelo verdadeiro self é iniciada pelo funcionamento desconexo do brincar rudimentar, no momento em que a personalidade do indivíduo ainda não está integrada.

A experiência cultural, permitida pelo brincar, sob a ótica winnicottiana, ocorre no espaço potencial entre o indivíduo e o ambiente. Para Dejours (2012b), a cultura permite a provação subjetiva de si e transborda tanto a subjetividade como o real para, então, poder ser expressa em formas que integram a obra e que se inscrevem na cultura. O *Kulturarbeit*, portanto, tem a capacidade de designar a fusão entre trabalho e vida. Em indivíduos que apresentam uma separação muito demarcada entre o falso e o verdadeiro self, verifica-se uma pobreza no brincar, no viver criativo e também em sua vida cultural. Tais indivíduos terão grande dificuldade na realização de determinado empreendimento. A conseqüente redução do sentimento de existência influenciará diretamente na capacidade de

autonomia do sujeito, em sua postura ativa no trabalho e na sua capacidade de pertencimento a determinado coletivo, o qual é permitido pela experiência cultural. O sentimento de inexistência influencia diretamente na mobilização do corpo do sujeito para o seu trabalho, uma vez que corresponde a uma vida fora do corpo, do espaço e do tempo. A submissão ao meio, portanto, vem acompanhada de um sentimento de inutilidade, que tira o valor da vida.

O brincar é transformado em trabalho quando o indivíduo mantém seu potencial criativo, alcançando a experiência cultural. Aqui, é fortalecida a comunicação entre os impulsos pessoais e o mundo externo.

Outro ponto convergente entre a Psicanálise winnicottiana e a Psicodinâmica do Trabalho é na ideia de que a “saúde” não deve desconsiderar a Biologia. O que tanto Winnicott quanto Dejours fazem é retirar a questão da definição de saúde da abstração biométrica, além de remeter a Biologia a um campo dotado de subjetividade que tem a saúde influenciada pela qualidade da experiência de vida.

A Psicodinâmica do Trabalho defende que, a fim de mobilizar sua inteligência, o trabalhador deve gozar de boa saúde. Na perspectiva winnicottiana, a saúde é o resultado de um desenvolvimento satisfatório, de uma conquista do indivíduo de se sentir uma pessoa inteira, criativa e espontânea. Para Winnicott, a saúde pode ser definida como a flexibilidade de poder transitar por intermédio de diferentes posicionamentos existenciais sem que se perca o acesso à unidade de si. Tal flexibilidade incluiria a alternância de estados integrados e não integrados de si, possibilitando experimentar estados excitados de criação e ação sobre o mundo, assim como estados tranquilos de relaxamento e afrouxamento das fronteiras e diferenciações do próprio self de maneira sustentada (WINNICOTT, 1990). Para Winnicott, integração, personalização e relação de objeto são estágios que são concluídos no momento em que o indivíduo se sente uma pessoa inteira e se relaciona com a sociedade, sem medo de se frustrar ou de ser aniquilado. Quando o indivíduo passa por tal experiência, produzirá saúde e terá meios de se adaptar, no sentido de se relacionar com mundo que o cerca.

O psicanalista inglês afirma que a saúde pode ser representada pela criatividade. Winnicott e Dejours consideram que a criatividade diz respeito ao sentimento de existência e a permanecer vivo e se opõe ao viver por reação, na situação em que o sujeito leva uma vida de submissão, com um sentido debilitado da realidade ou pela perda de contato com o mundo subjetivo e com o viver criativo. Podemos enxergar isso nos casos em que o sujeito não vê sentido em seu trabalho, quando não lhe é permitido mobilizar sua inteligência astuciosa, quando não há um espaço de deliberação ou no caso de não participar da dinâmica de contribuição-retribuição, sem reconhecimento.

Mesmo nesses casos em que a prescrição se apresenta de forma avassaladora nas situações de trabalho, no entanto, a partir da perspectiva winnicottiana, é impossível uma destruição completa da capacidade do indivíduo para ser criativo. Mesmo na extrema submissão existe uma vida secreta satisfatória, em função de sua qualidade criativa ou original. Dejours também assume este posicionamento. Para o autor francês, mesmo em trabalhos que aparentemente não envolvem criação, em que o sujeito deveria seguir a tarefa à risca, há mobilização subjetiva.

Esse componente do viver criativo está diretamente ligado ao brincar no trabalho. O trabalhador brincante, portanto, é aquele que, independente da natureza de sua tarefa, tem a capacidade de potencializar seu impulso para a criatividade, inclinando-se de maneira saudável na realização de seu trabalho. A criatividade do sujeito, aqui representada pela invenção de estratégias próprias de se trabalhar, maneiras de cooperar em seu coletivo,

formas de deliberar, recursos que utiliza para colocar em ação a sua inteligência, enfim, a forma como (re)cria o seu trabalho, remete à primeira criação do indivíduo, a partir do ambiente suficientemente bom, neste caso representado pela figura materna. A capacidade de sintonia desta com o bebê foi o que lhe permitiu a sensação de criação do seio e do mundo ao seu redor. A criatividade, portanto, se origina na ilusão onipotente do bebê. Através dos cuidados da figura materna, o bebê sente que é ele o criador dos objetos que lhe são oferecidos e, como consequência, cria o seu mundo. Neste caso, a imaginação ocupa um lugar fundamental, já que o que está em questão é a capacidade de o indivíduo alucinar aquilo que está à sua frente, criando o que já existe e encontrando realidade em tal criação.

Quando o bebê tem uma experiência de onipotência positiva, futuramente terá condições de lidar com frustrações que possam surgir na fase adulta, inclusive em situações de trabalho. Como visto anteriormente, em qualquer trabalho há sofrimento. No entanto, o indivíduo que lidou bem com a frustração inicial de sair do centro do mundo e se deu conta de que este estava lá antes de sua chegada, terá uma entrada rumo à realidade de maneira mais saudável e, como consequência, na vida adulta, suportará melhor os obstáculos que surgirem no encontro com o real. De maneira oposta, quando o indivíduo não tem uma experiência de onipotência satisfatória, esta será exacerbada na fase adulta, o que gerará uma falsa criatividade e um controle manipulativo da situação – um falso self. Tal indivíduo terá mais dificuldade de mobilizar sua inteligência.

Vale ressaltar que, mesmo neste último caso em que o sujeito não passou por uma experiência de onipotência satisfatória em fases de seu desenvolvimento no início da vida, a Psicodinâmica do Trabalho traz uma contribuição ao mostrar que o trabalho pode ser uma nova chance para que o sujeito, agora neste novo ambiente, possa se reconstituir, uma vez que ele passará por outra experiência criativa com o apoio que não teve outrora por uma mãe suficientemente boa – neste caso com o coletivo assumindo tal papel. Assim, para a Psicodinâmica do Trabalho, o sujeito não está condenado pelo seu passado: o trabalho pode ser tanto um lugar que piore os efeitos dessa experiência de vida inicial como pode ser aquilo que vai ajudar a superar obstáculos e a reconstruir suas chances de ter um viver criativo com suporte coletivo e confiança.

Da mesma forma que a confiança é um dos requisitos para que haja cooperação no trabalho, a mesma também é fundamental para o brincar. Neste caso, é adquirida no momento em que o bebê experimenta o sentimento de onipotência.

Quando a criança é capaz de criar os primeiros objetos e o mundo subjetivo, portanto, estará apta a ser criativa durante todas as fases posteriores de sua vida, ampliando a comunicação entre seu estado interno e sua realidade externa, composta por relações sociais, de trabalho, pelo viver em grupo etc.

Para Winnicott, o potencial criativo da vida, representado pelo brincar, tem como característica ser a resistência à imposição de demandas do meio. É este o elemento, então, que pode atribuir sentido e prazer ao trabalho, de forma a resguardar o sujeito do risco do adoecimento, da descompensação e até mesmo do suicídio.

As ideias de Dejours se assemelham às de Winnicott no tocante à criatividade, pois, para este autor, ela é a expressão da força vital primária atuante em cada indivíduo sempre que o ambiente se mostra confiável. De maneira análoga, para a Psicodinâmica do Trabalho, sempre que na situação de trabalho o sujeito puder mobilizar seus recursos psíquicos singulares, isto é, toda vez que a organização do trabalho se apresentar como um ambiente suficientemente bom e permitir sua autonomia, o trabalhador

poderá ser criativo, a mobilização subjetiva será efetivada e será possível brincar no trabalho.

Um ambiente de trabalho que permite a mobilização da inteligência astuciosa, a cooperação, o reconhecimento e um espaço de deliberação favorece a transformação do sofrimento em prazer. Este ambiente pode ser pensado, portanto, como um espaço potencial que articula o mundo interno com o mundo externo do trabalhador, onde sua história, experiência e desejos encontram abertura para serem articulados com os objetivos da produção, aqui representados pelo mundo externo. Isso pode ser percebido na dinâmica do reconhecimento, mais especificamente nos julgamentos de beleza e de utilidade. Em ambos os casos, em função do reconhecimento simbólico presente, o registro da identidade é fortalecido e a diferença entre o eu e o não eu é acentuada, uma vez que o trabalho é reconhecido como singular e único para determinado trabalhador, percebendo-se a importância do “meu” trabalho para aquele coletivo, o que potencializa o sentimento de confiança.

A Psicodinâmica do Trabalho percebe a cooperação, tanto horizontal, quanto vertical, como um dos elementos que favorecem a mobilização subjetiva. Nesse viés, é importante salientar, em se tratando de uma defesa da mobilização subjetiva para o trabalho, a necessidade de programas de acompanhamento profissional do trabalhador que prezem pelo componente subjetivo e que levem em consideração um método de avaliação que se apresente como um instrumento de desenvolvimento e não somente de controle, como tem sido prática em algumas organizações através de avaliações de desempenho de caráter estritamente quantitativo.

O brincar pode ser pensado, portanto, como um recurso para a mobilização subjetiva, pois permite o viver criativo e, como consequência, cria condições para a expressão de autonomia, prazer e saúde no trabalho.

Conclusão

No percurso deste trabalho, foi investigado como a Psicodinâmica do Trabalho explica o conceito de mobilização subjetiva. Recorreu-se a obras de autores nacionais e internacionais, dando ênfase às obras de Christophe Dejours, maior expoente desta disciplina. Além disso, buscaram-se contribuições nos trabalhos de Donald Winnicott, em sua teoria do brincar, que pudessem dialogar com conceitos da disciplina dejouriana.

Quando se fala em subjetividade, é necessário falar de corpo. A subjetividade, de acordo com a Psicodinâmica do Trabalho, é, antes de tudo, corporal. É este corpo físico, mas também erógeno, que será mobilizado e poderá ser criativo a partir da transformação de sofrimento em prazer, mediado pelo coletivo.

É do encontro do sujeito com o real, então, que a subjetividade se origina. O trabalhador vivencia o sofrimento advindo dos constrangimentos organizacionais, do insucesso de não dar conta das prescrições. No entanto, resiste e se impulsiona rumo à criação de novas soluções para atingir seus objetivos, ao mesmo tempo em que busca prazer e sentido no trabalho. Neste momento, mobiliza sua subjetividade.

A mobilização subjetiva para o trabalho revela-se forte na maioria dos trabalhadores que gozam de boa saúde. Confrontado à organização do trabalho, tudo ocorre como se o sujeito não evitasse tal mobilização, colocando em ação os recursos de sua inteligência e personalidade. Apesar de isso não ocorrer com todos os trabalhadores, a maioria supera as dificuldades e delas obtêm os benefícios de um trabalho de qualidade.

A mobilização subjetiva, por outro lado, por mais que seja “espontânea”, é também frágil, pois depende da dinâmica contribuição-retribuição.

Antes mesmo da retribuição, o sujeito busca contribuir à organização, saindo da posição de um mero executor de prescrições. Na ocasião de não retribuição por seus esforços, o trabalhador, então, se desmobiliza.

Introduziu-se o pensamento de Winnicott, buscando-se uma contribuição de sua teoria do brincar em relação à mobilização subjetiva. A partir de articulações entre algumas obras deste psicanalista com estudos sobre a Psicodinâmica do Trabalho, foram descobertos alguns pontos de contato no que se refere à relação entre o brincar e o trabalho.

O desenvolvimento psíquico nas fases iniciais da vida, amparado por um ambiente suficientemente bom, será primordial na constituição de um verdadeiro self, que permitirá que o indivíduo seja saudável, viva criativamente, adquira autonomia, seja imerso na cultura e possa se inserir em um coletivo em um momento posterior.

No caso de um indivíduo que não tenha recebido essas condições satisfatórias para seu amadurecimento psíquico durante a infância, ao mesmo será possibilitada, na ocasião do trabalho na fase adulta, a oportunidade de reelaborar suas falhas infantis e enigmas não resolvidos e seguir sendo criativo a partir de então.

O brincar se apresenta como um precursor do trabalho na fase adulta e é uma oportunidade de a criança assumir uma posição ativa no mundo e ter a capacidade de simbolizar, além de desenvolver o self.

De maneira geral, em relação à proposta da Psicodinâmica do Trabalho, é interessante ressaltar que não se trata de ir contra a organização do trabalho e das prescrições. A méti só se revela de fato em um jogo sutil de subversão da tarefa. As prescrições são indispensáveis, caso contrário, toda a dinâmica da inteligência astuciosa ficaria paralisada. Da mesma forma, não se pode negar o interesse da avaliação quantitativa e da mensuração dos desempenhos. Isoladamente, elas são injustas e só se tornam úteis se forem confrontadas à avaliação qualitativa e se levarem em conta o reconhecimento dos pares (DEJOURS, 2012a). Tais avaliações quantitativas podem incorrer em inúmeras catástrofes. Para o autor, ao reabilitarmos a méti e ao estabelecermos cientificamente as implicações do conceito de real do trabalho, espera-se que sejamos capazes de criar novos modos de avaliação que levem em consideração o trabalho real. A proposta é que possamos ir além de indicadores numéricos defendidos pelas ciências da gestão, os quais abrem mão do que é essencial no trabalho – a subjetividade.

Um ponto que nos chamou a atenção e que pode ser mais bem aprofundado futuramente é sobre a possibilidade de construção de um espaço potencial no trabalho. Apostamos na ideia de que é possível o fortalecimento de um coletivo que permita a emergência de um espaço que remeta à transicionalidade da fase inicial de desenvolvimento do sujeito, levando-se em conta o fortalecimento do coletivo, o qual poderia assumir o papel de um ambiente suficientemente bom.

Apoiamo-nos na ideia winnicottiana de que há criatividade no momento em que nos inclinamos a fazer algo de maneira saudável. Como pensar, portanto, em estratégias que adequem os objetivos da produção à mobilização subjetiva, aos desejos de cada trabalhador, à potencialidade do sujeito que brinca, juntamente com o seu viver criativo, permitindo-lhe a busca de sentido no trabalho? Este é um desafio para novas pesquisas neste campo, assim como para gerentes organizacionais que estão atentos à importância de práticas que fortaleçam a articulação entre saúde, qualidade e produtividade no trabalho.

Sobre o artigo

Recebido: 13/08/2017

Aceito: 02/10/2017

Referências bibliográficas

ALVES, J. J. **Mobilização Subjetiva para o Prazer-Sofrimento no Trabalho dos Taquígrafos Parlamentares: Uma Prática em Clínica Psicodinâmica da Cooperação**. 2014, 106f. Dissertação (Mestre em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília: 2014.

BARROS, P. C. R.; MENDES, A. M. B. Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 8, n. 1, p. 63-70, 2003.

DEJOURS, C. **O fator humano**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

DEJOURS, C. **Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho**. São Paulo: Fundap: EAESP/FGV, 1999.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Prod.**, São Paulo, v. 14, n. 3, 2004.

DEJOURS, C. **Trabalho Vivo. Sexualidade e Trabalho**. Vol.1. Brasília: Paralelo 15, 2012a.

DEJOURS, C. **Trabalho Vivo. Trabalho e Emancipação**. Vol.2. Brasília: Paralelo 15, 2012b.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em Psicopatologia do Trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Orgs.). **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994a, p. 119-145.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Desejo ou motivação? A interrogação psicanalítica do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Orgs.). **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994b, p. 33-43.

FERREIRA, J. B. **O poder constituinte do trabalho vivo: análise psicodinâmica da criação literária**. 2011, 203f. Tese (Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília: 2011.

FERREIRA, J. B.; MENDES, A. M.; LIMA, S. C. C.; FACAS, E. P.; GHIZONI, L. D. Entre a mobilização subjetiva e a subtração do desejo: estudos com base na psicodinâmica do trabalho. In: MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M.; MORAES, R. D. (Orgs.). **O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia**. Curitiba: Juruá, 2013, p. 101-118.

FLACH, L.; GRISCI C. L. I.; SILVA, M. F.; MANFREDINI, V. Sofrimento psíquico no trabalho contemporâneo: analisando uma revista de negócios. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 193-202, 2009.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1908). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. IX, p. 133-143.

GROLNICK, S. **Winnicott - O Trabalho e o Brinquedo: uma leitura introdutória**. Porto Alegre: ArtMed, 1993.

MEDEIROS, S. N. **Clínica em Psicodinâmica do Trabalho com a Unidade de Operações Aéreas do DETRAN: o Prazer de Voar e a Arte de se Manter Vivo**. 2012, 168f. Dissertação (Mestre em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília: 2012.

MENDES, A. M. B. **Valores e vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional**. 1999, 306f. Tese (Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília: 1999.

MOLINIER, P. **O trabalho e a psique – uma introdução à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2013.

RODULFO, R. **O Brincar e o Significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce**. Porto Alegre: ArtMed, 1990.

SENNET, R. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOUZA, W. F. **Corpo e atividade: elementos para (re)pensar a Psicologia do Trabalho**. 2004, 173f. Dissertação (Mestre em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2004.

SOUZA, W. F.; ATHAYDE, M. Com quantos gestos se faz uma gestão em saúde? **Tempus Actas de Saúde Coletiva – O Trabalho em Saúde**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 135-157, 2011.

TRAESEL, E. S. **A psicodinâmica do reconhecimento: sofrimento e realização no contexto dos trabalhadores da enfermagem de um hospital do interior do Rio Grande do Sul**. 2007, 128f. Dissertação (Mestre em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2007.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.